





*Lembranças de uma Mulher Ridícula*



Antónia Ruivo

Lembranças de uma  
Mulher Ridícula

**ISBN: 9789403751016**

**Título:** *Lembranças De Uma Mulher Ridícula*

**Autora:** *Antónia Ruivo / Pseudónimo de Maria Antónia Rato Ruivo*

**Capa:** Afonso Conceição

**2ª Edição / junho 2024**

**Depósito Legal da primeira edição n.º 531530/24**

**Impressão: Bookmundo**

<http://antonia-ruivo.wixsite.com/poeta>

<https://www.facebook.com/AutoraAntoniaRuivo/>

Algumas palavras do livro seguem a grafia anterior ao Acordo Ortográfico de 1990

***Todos os direitos reservados ao abrigo da legislação em vigor.***

*Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.*

*Ajudar alguém por compaixão não é o mesmo que praticar caridadezinha. A verdadeira caridade reside em não esquecer ou desviar o olhar daqueles que morrem na solidão. Os que vagueiam sem rumo, os que vivem, dormem e sucumbem nas ruas das nossas cidades.*



## **Aos leitores**

Quando começo um novo livro, normalmente penso que sei para onde caminho, mas na medida que este livro foi crescendo desviei-me da vereda traçada e quando dei por mim, ao invés de ser eu a dar voz à narrativa, os papéis inverteram-se e foi a personagem principal que comandou o passo seguinte. E a partir daí tornei-me numa espécie de marioneta submissa ao menor sinal de comando. Nos meus livros tento não desvirtuar a realidade ou o país real. Ou as diversas realidades que me levam sempre a um tema específico (o quotidiano que inúmeras mulheres vivem em Portugal). Sei que seria mais fácil em todos os sentidos se me dedicasse a construir histórias encantadoras e fáceis de digerir, ao invés de escrever histórias que levam a alguma reflexão. Mas se há tantas mulheres e histórias de vida a quem posso dar voz, mesmo que sejam elas a dar-me voz a mim... Também sei que este é o caminho que quero seguir na literatura contemporânea, mesmo que o leitor se possa sentir incomodado com a realidade retratada nas minhas histórias e sempre que escrevo a palavra \*FIM é porque logo a seguir haverá uma nova narrativa de vida a ser contada.

Antónia Ruivo, 22/04/2024



**“Tenho a audácia de acreditar que os povos em todos os lugares podem fazer três refeições por dia para os seus corpos, ter educação e cultura para as suas mentes e dignidade, igualdade e liberdade para os seus espíritos.”**

**Martin Luther King Jr.**



Na escuridão da noite, o interior da minha humilde casa transforma-se sempre numa arena desavergonhada. Bestas emergem dos confins do universo e alimentam-se com a falta de luz. O que julgava extinto dentro de mim surge do vazio. Memórias e aflições. Filtradas com rudeza através do lusco-fusco. Constam e resistem como velhas carcaças espalhadas pelos cantos. Estão por todo o lado, na sala, no quarto ou na cozinha e já as encontrei a desabrochar nas escadas de acesso. Nesse momento suspirei aliviada, acreditei que finalmente desistiam de mim, encostei-me o mais que pude ao corrimão, esbocei um sorriso amarelo e cerrei os lábios com receio de dizer alguma coisa que as fizesse mudar de ideias. Pensei que finalmente largavam o osso e acreditei que seguiam para muito longe. Mas foi tudo uma ilusão. Não passou muito tempo para perceber que mergulhei numa hipótese dolorosa e errada. Grosseiras e funestas, as

sombras vaguearam durante algum tempo pelos passeios imundos. Sentia que sondavam o meu silêncio e a minha pequenez e para meu espanto, voltaram pelo mesmo caminho e até me pareceram mais calmas e menos densas. Mais um engano!... Durante o resto da noite destruíram o que subsistia do meu bom senso, fizeram um festim da minha paciência e foi nessa altura que cheguei à conclusão, que as memórias e as aflições também são duas aliadas bastante coesas. Tão cruéis como as sombras erram sem norte pela madrugada fora, são insensíveis e bizarras, controlam a minha vida, iguais a carcereiros, vampirizam o meu sono e até o sono dos meus gatos. Voltam a tornam a voltar e por fim, só debandam ao amanhecer. Depois, é como se precisassem de recarregar baterias, lesmam escondidas durante um dia inteiro e mal escurece entram de novo nesta espécie de palco incompleto. A princípio acomodam-se silenciosas nos cantos da casa, mas conforme os ponteiros do relógio avançam, juntam-se às sombras da noite e fazem um churrasco da minha mente e a seguir dão as mãos ao reboliço noturno da viela onde moro. Este, por sua vez, parece que se transforma em débeis romances de má memória

ou em rajadas prevaricadoras. Penumbras violentas, frias e cinzentas, espectros que fazem dos passeios cama. Onde são abordados por mil diabretes, por vultos de conceções arditas, seres jovens e traquinas ou nas visões de velhos casmurros. Mais tarde, os gritos debandam pela rua durante noites inteiras e entram na minha casa. Juntam-se às sombras que me habitam por dentro e por fim sacodem as paredes de tabique. Decompõem-se entre mentiras e umas poucas verdades, ditas quase sempre em surdina...

Numa esquina entre o caos e a harmonia, o universo acaba sempre por se erguer majestoso, desafia definições simples. Alguns só o veem como um intricado emaranhado de eventos aleatórios, uma dança sem coreografia definida, uma confusão cósmica onde a ordem se dissolve diante do olhar. Outros, contudo, vislumbram nele uma sinfonia de precisão impecável, uma tapeçaria tecida com fios invisíveis de causalidade, onde cada estrela, cada átomo, cada suspiro da nossa existência colabora para a grande harmonia do todo. É como se cada situação fosse um pintor abstrato, capaz de lançar cores e formas aparentemente desunidas na tela ilimitada da existência,

apenas para, ao afastarmos um pouco o olhar, revelar uma beleza sublime e uma ordem intrínseca que escapa à compreensão humana. Trata-se de uma mistura de fenómenos, sim, uma colcha de retalhos onde se entrelaçam os mais diversos eventos, desde a explosão furiosa das estrelas até ao sussurro suave do vento nas folhas de qualquer árvore. Mas dentro dessa multiplicidade exuberante, existe uma coesão subjacente, uma lógica oculta que dá forma e sentido ao aparente caos. É como se cada parte do domínio fosse uma peça de um ilimitado quebra-cabeças cósmico, ajuda a formação de uma imagem que só pode ser compreendida sempre que a conseguimos contemplar na totalidade. Cada galáxia, cada molécula, cada instante do nosso tempo é uma peça vital desse quebra-cabeças, e só quando nos permitimos vislumbrar o todo é que podemos começar a compreender a verdadeira natureza do nosso pequeno universo.

Portanto, sim, o universo de cada um é íntegro e arrumado, mesmo que às vezes se apresente como uma confusão aparente. É uma mistura de caos e ordem, uma andança universal onde cada movimento, por mais

insignificante que possa parecer, contribui para a ordem ou desafinação em que mergulhamos.

Esta noite apodera-se de mim uma pequena diferença, surgiu do nada e embora a noite subsista sombria, enquanto as memórias e as aflições se prendiam aos fantasmas, decidi desafiar este ciclo vicioso que me aprisionava há tanto tempo. Dou por mim a caminhar pela casa, enfrento a escuridão que se contrai diante de mim. Cada passo é uma resistência contra o espetáculo sombrio que se desenrolava na minha casa. Quando cheguei ao quarto, deparei-me com uma antiga caixa cheia de recordações, esquecida, num canto. Assim que a abri, comecei a libertar uma verdadeira torrente de emoções e pessoas que fizeram parte do meu universo. Um amontoado de fotografias envelhecidas, cartas e postais pálidos e pequenos objetos carregados de significado emergiram como visões do passado. No meio de todo este caos, uma luz tênue começou a romper e foi nessa altura que percebi que conseguia dissipar a escuridão acumulada.

Numa, jornada através das entranhas do pensamento, somos desafiados a ultrapassar as limitações da matéria e a mergulhar na essência

original das coisas. A caixa de fotografias convidava-me a ir além da superfície tangível, além dos contornos físicos que os nossos sentidos captam tão sofregamente, e entrei no reino intocável da qualidade, da causa primeira que dá origem à nossa existência.

É como se estivesse diante de uma intrincada trama, onde a qualidade é a linha invisível que une cada fibra, dando-lhe significado e propósito. Subtraí a matéria, despoja-a das suas formas e texturas, e ali, no vazio resultante, a qualidade cintila na sua pureza incontestável. É uma contemplação que sempre transcende as aparências, um mergulho nas profundezas do ser. Contemplar a qualidade por si mesma é como observar uma obra de arte desprovida da sua moldura, uma melodia desvinculada da sua partitura. É reconhecer a pureza, a centelha divina que atravessa todas as coisas, e alcançar que, por trás da pluralidade das formas e conceitos, há uma unidade silenciosa, uma harmonia primordial que ecoa através dos tempos. Neste acto de pura contemplação, estava a ser convidada a ultrapassar as fronteiras do conhecimento convencional, a abandonar as âncoras da percepção sensorial e a transpor o reino da intuição pura. Era um

convite para além do óbvio, para além do tangível, para um domínio onde a verdade se revela não através da razão, mas através da experiência direta do ser.

Portanto, vai sempre à característica do motivo, subtrai-a ao material e contempla-a por si mesma. Nessa espécie de ritual contemplativo, descobrimos não só a essência das coisas mais pequenas, mas também a essência de nós mesmos, e somos capaz de nos tornar uno com o universo que nos rodeia.

Finalmente estou decidida a encarar cada memória ou cada aflição, como se fossem adversários de uma batalha pela minha sanidade mental. Vou olhar de frente todos os fantasmas do meu passado com coragem, reviver os momentos que havia enterrado profundamente. A verdade pode ter um gosto amargo e quando se mistura com algumas mentiras que ressoam nestas paredes, uma sensação de libertação começa a insinuar-se. Assim que comecei a confrontar o meu próprio labirinto emocional, percebi que as memórias e as aflições não são inimigas a serem temidas, são fragmentos de uma história que moldou quem eu era. A cada passo adiante, o silêncio da noite cede espaço para uma reconciliação

interna. As sombras, que antes se alimentavam da minha própria escuridão, agora cedem terreno à luz que eu começo a conseguir transmitir. O espetáculo noturno lá fora, na viela, também se altera numa melopeia de sons bastante familiares e desta vez todos eles chegam despidos de ameaças ocultas. As exclamações habituais deixaram de ser tormentos e passaram a ecos distantes de uma batalha que eu estou disposta a vencer.

À medida que o sol começa a espreitar timidamente no horizonte, sobre o Rio Tejo, as águas-furtadas que eram um palco de trevas, transformam-se em refúgio iluminado. As memórias e as aflições, agora apaziguadas, recuaram para os recantos mais profundos da minha mente e abrem espaço para uma nova aurora. Por fim mais um dia que chega e enquanto os raios de sol dissipam e aquecem as últimas sombras da madrugada, compreendo que a verdadeira batalha não é contra as lembranças ou as aflições. Deve ser contra o medo de enfrentá-las. Com essa epifania, abraço o dia como uma renovação, consciente de que a escuridão, por mais assustadora que seja, pode ser iluminada pela coragem de confrontar a nossa própria história.

Durante a noite passada descobri, que os fantasmas só se acomodam sem pedir licença e conseguem desalojar a alma das coisas boas, se nos deixarmos vencer por eles. Tem tanto de fascinante como de castrador, sempre deixei que instigassem o meu lado mais estranho, que moldassem as emoções e as confidências que nunca fiz ou deixei transparecer. Passei a noite a interrogar tudo isso e em certos momentos, avalei se também devia sair para a rua, só para ficar sentada nos passeios da minha rua, passeios apinhados de (velhos) durante a noite, e foi quando examinei com bastante atenção o interior da minha casa e a mobília se afigurou artilosa e fuinha. Principalmente um espelho quadrado. Parecia fora do tempo ou do espaço, (encontrei-o no lixo.) E os fantasmas fugiram do espelho e amontoaram-se ao meu redor. Com eles rondou uma privação existencial, uma falha cruel. Com que direito é que invadem a minha privacidade? Durante anos as sombras de formatos distintos foram o meu delírio e agora, a ideia de me deixar intimidar começa a dar-me calafrios.

Com o passar das horas os ruídos também se alteram, as portas choram sobre o vazio, o soalho ri em altas gargalhadas a cada

passo que dou... indecisa e vazia por dentro. A minha existência começa a ser manobrada por uma certeza vaga mas constante: desperdiço horas a fio a analisar a descrença ou a autenticidade daquilo que vejo ou o que vivi durante o resto do dia. As almas que temem as noites foram quase sempre arrogantes durante o dia: sou arrogante, mas na noite passada deixei de temer as sombras noturnas. Ainda me sinto invadida. Tenho momentos em que encaro tudo isto com bastante rigor, noutros vou cedendo a bugigangas, durante a noite atuo quase sempre como um animal ferido e começo a sentir que é um sinal de fraqueza, um atributo capaz de provar, que me submeto a dilemas estéreis. E ao invés de me distanciar da frouxidão de algumas situações ou das suas consequências, apesar de me considerar um ser arrogante, repiso e torno a repisar, levo ao limite o pensamento, sinto-me bastante mal nesta condição e acredito, que subsisto inserida no rol dos invertidos. Embora veja o mundo ao contrário e sonhe com um universo equitativo. Sei que quase tudo é impossível. Vesti uma capa ociosa. Não pretendo fazer nada em relação a isso. Sou frouxa e já me esqueci do que significam as prioridades. Por isso sou uma

perdedora. Deixo-me enrolar com bastante frequência em monólogos sombrios, permito que figuras hipotéticas habitem o mesmo espaço que eu: esta casa, que divido com os meus dois gatos. Porém, num destes dias atrevi-me a olhar para o espelho com mais atenção e foi nessa altura, que comecei a duvidar: será que partilho a casa com os meus gatos ou são eles que dividem comigo este antro de lembranças? Julgo que em qualquer covil, o frio leva sempre a melhor nas longas noites de inverno e a noite passada não foi diferente. Mas algo de novo surgia...

Imaginei que estava à beira de um precipício, estava mesmo à beira do sorvedouro da vida, e mesmo assim era capaz de observar o desconhecido que se estendia diante de mim. Cada passo que dei na noite passada foi uma dança com o destino, uma escolha que moldou o curso dos acontecimentos. Prestei atenção ao que estava diante de mim, não olhei só para o precipício físico, mas também para os precipícios da alma, os actos impensados, as palavras não ditas. Na noite passada descobri que cada momento é uma encruzilhada, uma bifurcação na estrada da vida. Serei capaz de os aceitar com humildade e alguma sabedoria?

Estarei consciente de que cada escolha, por menor que seja, cada escolha que fiz no passado reluz através do tecido do universo, desprende uma cadeia de consequências que se estende até aos confins do espaço e do tempo.

Não é apenas o que acontece, mas como respondemos ao que acontece que define o nosso destino. Cada evento, por mais insignificante que possa parecer, é uma oportunidade de crescimento, uma lição disfarçada de desafio. Serei capaz de os aceitar com gratidão? Mesmo quando a escuridão parece envolver-me, pois é nos momentos de contrariedade que a luz interior deve brilhar com mais intensidade.

Estarei por fim apta a entregar cada acontecimento ao universo de onde nascem todas as coisas, saberei reconhecer que somos parte de algo muito maior, somos parte de uma teia que une todas as formas de vida. Cada escolha, cada ação, cada promessa é como uma pedra, lançada num lago tranquilo, gera ondas que se propagam infinitamente. Serei capaz de prestar atenção ao que está diante de mim, seja um precipício, um acto ou uma palavra. Saberei reconhecer a importância de cada momento, a sacralidade de cada instante. E de lembrar

sempre: somos os arquitetos do nosso próprio destino, os tecelões de nosso próprio destino, moldamos o universo com cada pensamento, cada emoção, cada acto de vontade.

O dia passou a correr e outra noite chegou. Debato-me mais uma vez com a insensatez, enquanto bato os dentes. Deus é minha testemunha, Deus e os gatos. Assistem a esta agonia, sem compaixão. Dirijo-me para perto da janela e olho atentamente para as minhas mãos, repletas de veias finas e escuras, dedos encarquilhados pelo frio e cieiro, despojados de anéis, pulsos insignificantes e a única coisa que se destaca nas minhas mãos: os polegares e o dedo do meio da mão esquerda.

A noite vai alta e sinto compaixão por mim mesma. O vento entra através das gretas das janelas. Como se pudesse apelidar de janelas uma toca ornamentada com tábuas desgastadas pelo tempo. Cheias de buracos ocupados por carunchos agoirentos, e nem as cortinas brancas disfarçam a penúria própria do passar dos anos. Um assobio do vento, um uivo de dor vindo debaixo da sacada... depois escuto um rol de gargalhadas infindáveis, sarcásticas e ruinosas, provocam a escuridão do

quarto e a minha paciência... logo após, assomam uns passos apressados... a fúria de quem corre para os braços da morte... mais um uivo, um arrepio e depois... o resto da noite envolta no silêncio quase total. Um silêncio que também pode matar. E de repente, uma voz receosa soluçava:

— Espera por mim à esquina... espera por mim...

E fiquei sem saber se era a destinatária do dramático apelo ou se estava mais alguém, lá em baixo, no passeio.

— És maluca.

Ouvi até à exaustão a voz que cortava o silêncio da noite. “És maluca, és maluca.” Sou maluca, apeteceu-me responder mas fiquei também em silêncio, durante muito tempo e o meu silêncio passou a ser uma extensão do silêncio que se seguiu na rua. “És maluca,” ouvi e deixei de ouvir e neste momento estou a ouvir novamente... Afinal, só agora é que descubro, que a voz está debaixo da minha almofada e respondo:

— Sim, sou mesmo maluca.

E fiquei à escuta, mas ninguém me contrariou e cheguei à conclusão, que moro nesta casa há tantos anos, mas nunca me vou

habituar às vozes que ouço na rua durante a noite. Oiço-as quando vem da rua e logo a seguir estão debaixo da minha almofada: não passam de gritos incontidos ou murmúrios medrosos. Nas gargantas ricocheteia um eco gelado. Agora esta repetição dói sem me incomodar. O medo transparece nos queixumes e sou a única que lhe faz frente. Embora, fique com a alma cansada.

O alvorecer gelado também me costuma entorpecer as pernas, tudo me dói mais do que o costume e o vazio toma definitivamente conta do que resta do quarto. No meio da cama está uma mulher estendida e dois gatos. Os animais dormem e a criatura revira os cobertores puídos. O sono fugiu mais uma vez e no lugar de uma noite reparadora, a insónia trouxe com ela a miséria. A miséria das madrugadas consegue ser soberba. De uma arrogância sem dó nem piedade. Nisto, mais um grito, agora, mesmo à boca do dia!... Desta vez, também fiquei sem saber, se fui eu que gritei ou se o brado vinha da rua.

— Eu sou a Maria...

Sim, sou a Maria. A Maria passa muitas noites em claro. Enquanto as sombras povoam as ruas e os gatos vadios miam pelos telhados.

Sou a Maria. Mas a mulher que vegeta neste covil gelado, sucumbe perante uma cruel e penosa realidade. Sou uma pessoa borralhenta. Uma espécie de gata borralheira a quem falta também a boniteza. A ligeireza das mentes alegres. O altruísmo ou a força de vontade. E não me chamo Maria! Mas ao mesmo tempo, sinto as mesmas dores que as “Marias” sentem quando gritam e ninguém as ouve. Mas, eu ouço, ouço tudo muito bem e mesmo que diga que não tenho medo, tenho horror daquilo que ouço. Absurdo enfeitado de falsa modéstia. Mais passos, mais gritos, mais morte... Ou a má sorte estendida nos passeios da Baixa de Lisboa.

— O filho da puta roubou-me as botas!

Alguém gritou desesperado. E lá estão elas, as botas: a bailar nas sombras do quarto.

— Como deixaste que te roubassem as botas, meu desgraçado.

Agora, sou eu quem grita. O grito torna a não obter resposta, os gatos ainda dormem e sinto-me sozinha. Presa nos gritos que vem de fora. Sinto-me uma espécie de badalo sineiro, estou presa nos gritos dos outros, enquanto grito. E querem melhor motivo do que esse para não ser feliz. Sempre me imaginei alheia

a tudo o que não me dissesse respeito, mas o meu coração: de pedra passou a cinza e depois endureceu de novo, e agora há força de tantos gritos ouvir, os meus e os dos outros, transformaram sem que eu desse por isso, o meu coração numa gelatina lacrimejante, bate e chora dentro do peito, bate e chora, chora e bate e afirma: eu queria ser feliz.

Através da vidraça fosca, reparo que a madrugada se afasta, pressinto no ar, a maré baixa no Tejo, a madrugada leva no colo todos os meus ais... ao menos isso. Permaneço calada por mais algum tempo. Talvez tenha adormecido. Ou simplesmente morri: se tivesse morrido nesta madrugada, não se tinha perdido nada.

Imagino que percorro o crepúsculo eterno, estou diante da vastidão do horizonte, onde o sol se despede lentamente do dia. Mais um pouco e deixarei de existir, como a luz que se dissipa ao lusco-fusco, como as sombras que se alongam com o cair da noite. Sou passageira, como tudo o que me rodeia, e nenhuma das coisas que hoje contemplo permanecerá.

O Tejo majestoso que se ergue no horizonte, as ruas que serpenteiam pela cidade, as estrelas que pontilham o céu, o castelo de

São Jorge... Todos eles são efêmeros, fugazes como um suspiro no vento. Nada é permanente neste mundo em constante mutação, nesta dança eterna de nascimento e morte.

Sou capaz de aceitar esta verdade com alguma humildade e serenidade, pois é na concordância da brevidade da vida que encontramos a verdadeira liberdade. Deixo-me levar pela correnteza do tempo, abraço cada momento sem nenhuma gratidão, sei que cada experiência, por mais fugaz que fosse, foi uma dádiva preciosa e mesmo assim: consigo ser ingrata. Brevemente deixarei de existir, mas o que realmente importa não é a duração da vida, mas sim a intensidade com que a vivemos. Será que deixei que cada momento fosse pleno de significado, cada encontro uma oportunidade de união, cada desafio uma oportunidade de crescimento? Não, pelo contrário!

E quando chegar a hora de partir, quando o último suspiro se esvaír como uma pluma, que possa fazê-lo com serenidade e paz no coração, sei que não deixei qualquer marca neste mundo transitório, mas mesmo assim fiz parte da existência, mesmo que por um breve instante. Pois, no final das contas, o que realmente perdura não são as coisas materiais,

são as memórias que deixamos, os sentimentos que compartilhamos, os laços que tecemos com aqueles que amamos. E é neste legado de amor e compaixão que encontramos a verdadeira imortalidade, a eternidade que transcende o efêmero. Sei tudo isto, mas não sei onde perdi tudo isto.

Quem me dera que durante a noite me conseguisse imaginar num jardim tranquilo, com as flores a desabrochar em tons suaves ou de cores vistosas, um local onde os pássaros entoam melodias cristalinas. Aqui, no covil da insanidade compreendo como é vã toda a raiva que sinto das coisas exteriores, pois não tem qualquer importância para elas próprias. As preocupações, os tumultos da vida, tudo isso parece distante diante da minha realidade. Na tristeza deste lugar, percebo que a raiva devia ser uma tempestade passageira, capaz de ir e vir sem deixar rasto. Deve ser apenas emoção sem importância ou uma inútil nuvem que assombra a consciência, As coisas exteriores são meros reflexos do mundo interior, são espelhos que nos mostram quem somos realmente. Portanto, cultivar a serenidade interior é a chave para transcender a raiva e encontrar a paz duradoura que tanto almejo. Mas como é que isso se faz?

Começo a aprender a arte da aceitação, só não sei se sou esperta o suficiente para entender a sabedoria de deixar ir o que não podemos controlar.

O dia nasceu tímido no início e depressa se tornou arrebatador, mal amanheceu o alívio tomou conta de mim, tal como acontece sempre, mas será sol de pouca dura. Ao nascer do sol, sinto que sou uma pessoa muito diferente daquela que revira os lençóis durante a noite ou da alma que se ouve gritar. Os gritos que ouvimos de dia tem outra agilidade e nem sequer lhes dispenso qualquer atenção. E por acréscimo surgiu uma terceira faceta de mim mesma, descobri uma nova característica que desconhecia por completo e é por esse motivo, que a partir de hoje me vou entreter a dividir as semanas e os meses consoante as ocorrências que vão surgindo. Principalmente as que marcam as noites de insónia. Quero ver se chego sempre à mesma conclusão... a maior parte dos anos que tenho de vida estão cingidos à madorna dos dias regulares e à crueldade das noites severas. Há uma questão que me atrofia durante a noite. Sou eu, que grito ou não? Se não sou eu e se os gritos não vieram da rua,

devo estar a enlouquecer e aí, sou mesmo maluca.

Se os dias correm sempre iguais, tornam as semanas vazias ou demasiado cómodas, solarengas e ainda assim, uma moinha insiste, que não é nada disso, presentemente os meses e os anos estão afogados nas algemas do passado. Há entre mim e a realidade uma fossa tosca e até a alma se afoga nas memórias, persiste, abafada quase sempre na falta do som de passos, a parar na minha porta. Embora nas noites frias, sejam tantos os passos que correm pela rua... Durante o dia dormem. Dormem as “Marias e o Maneis” da noite. Fazem a cama no dia e da noite mortalha. Enquanto desço ao infinito e deixo que a realidade me molde. A falta de ilusão tem o poder de nos ajustar. Até no carácter. De boa pessoa passei a ser uma pessoa asquerosa. É assim que me sinto todas as madrugadas. Comparo tudo com tudo, durante a noite comparo os males da sociedade moderna com os males que me afligem. E o desfecho é sempre igual: sempre fui muito pouco e agora, decididamente, não valho mesmo nada.

Durante o dia tudo serena... a indecisão em que permaneço, o negrume que vesti por

dentro e até a vontade de desaparecer, sem deixar rasto. De dia também não tenho medo e sou a que mais alto grita, gosto de gritar para o vazio, mesmo que a rua esteja apinhada de gente:

— Não quero saber se acabas por morrer, não quero sentir pena de ninguém, nem que ninguém tenha pena de mim.

Mentira, minto com quantos dentes tenho na boca. Ou melhor, com quantos dentes tinha. A maioria caiu, quase sempre agarrados a um naco de pão duro. Sem dor, sem pena, simplesmente caíram e não voltaram. E nessas alturas também costumo gritar:

— Quem me dera que fossem os dentes de leite.

Mas, ultimamente passo os dias sem leite e agora quase sem dentes.

Ando a confundir aborrecimento com um enorme deserto inabitável, e só me resta uma espécie de ferrugem. Penetrou no espírito à medida que os anos foram passando, mas a minha teimosia continua a defender, que está tudo bem. Os dias também teimam em correr numa espécie de vertigem, pobre e traiçoeira. Sinto que estou a viver um tipo de injúria prolongada. Ou será só uma grande falta de